



7 • Correio Braziliense — Brasília, sábado, 16 de julho de 2022

Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Salário mínimo	Dólar Na sexta-feira	Euro Comercial, venda na sexta-feira	Capital de giro Na sexta-feira	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,45% São Paulo	98.271 / 96.551	R\$ 1.212	R\$ 5,405 (-0,52%)	R\$ 5,450	6,76%	13,35%	Fevereiro/2022 1,01 Março/2022 1,62 Abril/2022 1,06 Maio/2022 0,47 Junho/2022 0,67

CONJUNTURA

Desaceleração da China agrava crise no Brasil

PIB do país asiático frustra expectativas, cresce apenas 0,4% no segundo trimestre e aumenta risco de recessão global

» ROSANA HESSEL

O cenário de recessão global está cada vez mais provável, na avaliação de analistas, especialmente depois de a China registrar desempenho econômico abaixo do esperado no Produto Interno Bruto (PIB) do segundo trimestre deste ano. Havia um consenso de que a atividade do país asiático apresentaria um desempenho mais fraco, devido aos bloqueios de várias cidades por conta de novos surtos de covid-19. Contudo, a alta anualizada de apenas 0,4% no trimestre encerrado em junho — divulgada, ontem, pelas autoridades chinesas —, ficou bem abaixo da elevação de 1% esperada pelo mercado e foi o pior resultado da série histórica, iniciada em 1992, desconsiderando o tombo de 6,9% no primeiro trimestre de 2020, auge da pandemia.

O PIB chinês ainda mostrou forte desaceleração em relação ao desempenho do trimestre anterior, quando cresceu 4,8%. Conforme dados das agências de notícias dos Estados Unidos, os principais bancos de investimento cortaram repetidamente suas previsões para o PIB da China deste ano, e a avaliação é de que a economia chinesa está “no fundo do poço”. A mediana das estimativas estava em 3,4% no fim de junho e a previsão oficial do governo chinês para este ano, anunciada em março, estava em 5,5%. Outro indicador preocupante da semana foi o da inflação dos Estados Unidos, que disparou para 9,1% nos 12 meses encerrados em junho — o maior patamar desde novembro de 1981. O resultado fez os analistas aumentarem as apostas de um aperto monetário mais forte nos EUA, o que deverá frear o crescimento da maior economia do mundo e contribuir para um quadro de recessão global, pois a União Europeia, por conta da guerra na Ucrânia, também enfrenta dificuldades para crescer.

Dependência

“A China crescendo pouco significa menos demanda global, mas tem um fator particular para o Brasil. O país é o que mais depende da China e, com a economia chinesa desacelerando, isso significa que vamos ter piora no balanço de pagamentos. E não vamos ter um grande alívio da inflação porque, com a piora fiscal que está bagunçando o câmbio, vamos continuar em situação desfavorável, mesmo com queda nos preços de commodities”, alertou o economista Simão Davi Silber, professor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP). Para ele, o Brasil deverá ter uma recessão maior do que outros países porque, apesar de o Banco Central brasileiro ter se adiantado no aperto monetário, será preciso continuar aumentando os juros e manter a taxa básica da economia (Selic) elevada por mais tempo. “O efeito colateral dessa conjuntura é que 2023 está perdido para a economia brasileira. Neste ano,

por conta da recuperação do setor de serviços, devido ao arrefecimento da pandemia, o país pode crescer entre 1,7% e 1,8%”, frisa Silber.

Esse cenário cada vez mais incerto na economia e na política — agravado com a piora no quadro fiscal, especialmente após a promulgação da Pec Kamikaze, que cria mais insegurança jurídica e desconfiança dos investidores na manutenção das regras fiscais — só aumenta os prêmios de risco da dívida pública. Ontem, por exemplo, conforme levantamento da Necton Investimentos, a taxa de juros reais (descontada a inflação) paga pelos títulos públicos retomou o patamar de abril de 2015, época da votação do impeachment da então presidente Dilma Rousseff (PT). Os títulos do governo com um ano de prazo pagam 7,62% ao ano, “ligeiramente acima do observado em abril de 2015”, quando ocorreram as votações no Congresso.

Vento contrário

De acordo com o economista Alberto Ramos, diretor de pesquisa para a América Latina do Goldman Sachs, uma recessão global será “mais um vento de proa contra a economia do Brasil” e, portanto, um cenário de contração da atividade não está descartado. Ele lembra que o país tem vários problemas que jogam contra o crescimento: inflação de dois dígitos, incerteza política pela frente e política monetária contracionista. Ramos ainda destaca que, apesar de os preços das commodities estarem em queda devido à perspectiva de retração na economia global, no ano que vem, a arrecadação do governo não será tão favorável para aumento de gastos, como ocorreu neste ano, contribuindo para um quadro ainda pior. “Vamos caminhar para um PIB medíocre, perto de zero, com probabilidade de queda, e com uma dívida que claramente tende a ser crescente”, reforça.

O ex-ministro da Fazenda e sócio da Tendências Consultoria, Maílson da Nóbrega, concorda que um cenário externo com forte desaceleração da China aumenta as chances de uma recessão no Brasil no ano que vem. Segundo ele, também jogam contra o país os impactos negativos da PEC Kamikaze a partir de 2023. Aprovada no atropelo das regras constitucionais, regimentais e fiscais para criar um pacote de benefícios de R\$ 41,2 bilhões fora do teto de gastos, ela é mais uma das bombas fiscais armadas para o próximo governo, desde a PEC dos Precatórios — que deu um calote em boa parte das dívidas judiciais do governo.

A Tendências está revisando as projeções para o PIB de 2023, atualmente em 1%. “O viés é para baixo, porque o país não consegue crescer acima do potencial, que está em torno de 1%. E tem vários ventos contra a economia no próximo ano. Entre eles, com destaque, os efeitos defasados da política monetária, que deverão começar a partir do terceiro trimestre deste ano”, complementa Nóbrega.

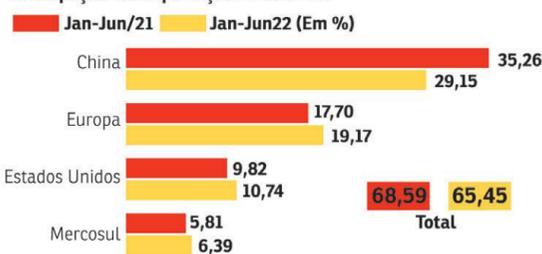
Sinal de alerta

Resultado do PIB da China do segundo trimestre, abaixo das expectativas, reforça o risco de desaceleração global e coloca o Brasil no meio do furacão

BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA

China, Estados Unidos e União Europeia são os maiores parceiros comerciais do Brasil. Portanto, se eles entrarem em recessão, como previsto, as exportações brasileiras sofrerão um baque

Participação nas exportações brasileiras



PANORAMA MACROECONÔMICO

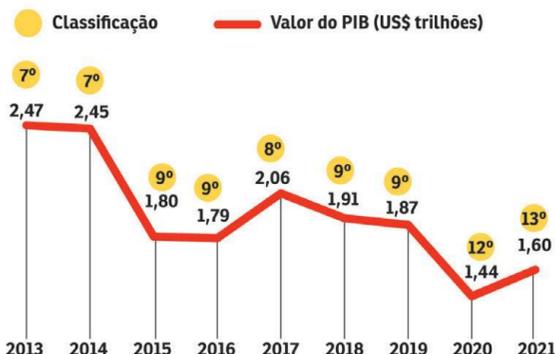
Veja o desempenho do PIB das principais economias globais. O Brasil deve continuar crescendo menos do que o mundo e do que os principais parceiros e vizinhos

Bloco/País	2019	2020	2021	2022	2023*
Mundo	2,8	-3,1	6,1	2,9	2,6
Estados Unidos	2,3	-3,4	5,7	2,0	xxx
Zona do Euro	1,6	-6,4	5,3	0,7	xxx
África do Sul	0,1	-6,4	4,9	1,9**	1,4**
China	6,0	2,3	8,1	4,2	5,0
Índia	3,7	-6,6	8,9	8,1**	6,9**
Rússia	2,3	-2,7	4,6	-8,5**	-2,3**
América Latina	0,1	-6,9	6,8	2,1**	0,3**
Brasil	1,2	-3,9	4,6	2,0	0,2
Argentina	-2,0	-9,8	10,2	2,5	0,0
Chile	0,8	-6,0	11,7	2,0	-1,0
Paraguai	-0,4	-8,8	4,2	0,3**	4,5**
Peru	2,1	-11,0	13,5	2,0	1,8
Uruguai	0,3	-6,1	4,4	3,9**	3,0**

*projeções do Itaú Unibanco
**projeções do FMI

COMENDO POEIRA

O Brasil cresce pouco e vem perdendo posições no ranking global. Veja a evolução do país nos últimos anos



Fontes: Austin Rating, Itaú Unibanco e FMI

Mercado encolhe previsões para 2023

As projeções do mercado para o crescimento do PIB brasileiro do ano que vem não param de serem revisadas para baixo e estão bem distantes da estimativa de alta de 2,5% prevista pelo Ministério da Economia. Pelas estimativas do Itaú Unibanco, por exemplo, a economia global vai avançar menos de 3%, neste ano e no próximo, enquanto o Brasil, pela nova projeção, crescerá menos, 2% e 0,2%, respectivamente, abaixo das projeções para seus parceiros, inclusive.

Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating, também reconhece que o cenário

de desaceleração forte da China é muito ruim para o Brasil, pois o país asiático é o maior parceiro comercial brasileiro, tanto na importação quanto na exportação. A realidade é que, se houver recessão na China, nos Estados Unidos e na União Europeia — será um baque para as exportações brasileiras e, somados com o Mercosul, passam para 65,4% — será um baque para as exportações nacionais, principalmente para os setores de commodities e de alimentos, que ajudaram a alavancar o PIB em 2021 e no início deste ano, além de contribuir

para o superavit da balança comercial. “Se a China crescer abaixo de 4% pode ser considerada uma recessão, porque o país não consegue atender a demanda e o mercado de trabalho não absorve a mão-de-obra entrante”, explica Agostini. Ele acaba de revisar de 1,4% para 0,4% a previsão de crescimento do PIB brasileiro em 2023, mas admite que há um “viés de baixa”, apesar de melhorar as estimativas de 2022.

“Com essa desaceleração mais forte na China, o cenário negativo fica mais concretizado, mesmo que os Estados Unidos estejam

em uma situação ainda confortável”, alerta Agostini. Pelas estimativas dele, o carregamento estatístico do PIB de 2021 para este ano estava em 0,5% no primeiro trimestre. Mas, depois do resultado do PIB de janeiro a março deste ano, esse indicador passou para 1,5%.

Logo, mesmo se houver uma alta de 2% no PIB deste ano, o crescimento efetivo da economia ainda será muito baixo. Vale lembrar que o Brasil vem perdendo posições no ranking das maiores economias do planeta e atualmente está em 13º lugar. (RH)

